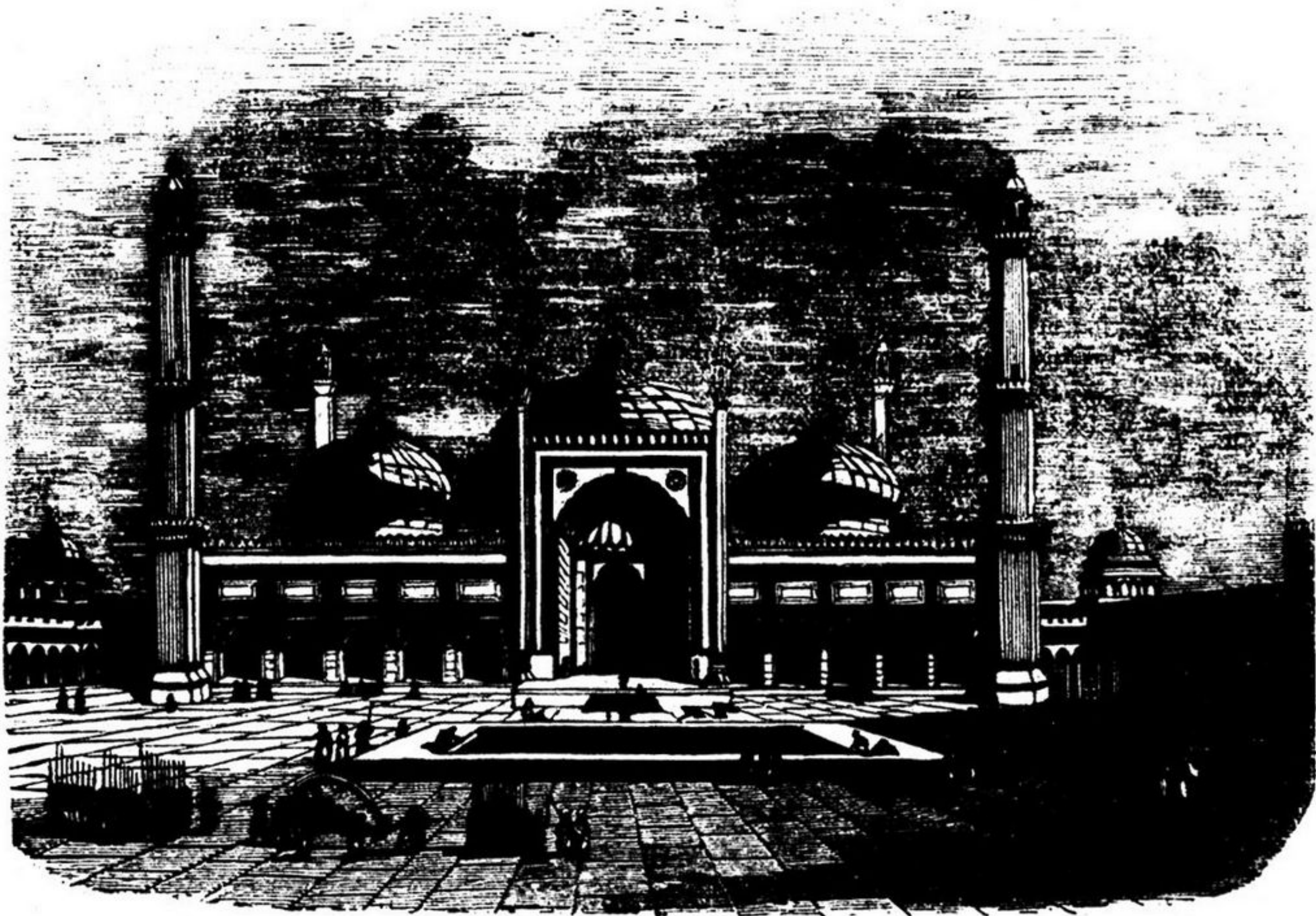




INDIA — JUMNA — MESJID.

A cidade de Delhi, antiga capital do imperio mongol, está assentada na margem occidental do rio Djehnah, a trescentos e cinquenta milhas de Allahabad, e cento e vinte milhas de Agra.

Fundada no seculo XVI por Shah-Jehan, Delhi caiu em poder do famoso e sanguinario Nadir-Shah, em 1738. Os inglezes a tomaram em 1798, e sob a auctoridade d'estes se conserva, sendo hoje a capital de uma florescente provincia.

Poucas povoações haverá, não só na India, mas tambem no mundo, que apresentem um aspecto tão grandioso e monumental.

Cingida de soberbas muralhas, flanqueadas de torres magnificas, em que se abrem portas de magestoso desenho, Delhi justifica até certo ponto o orgulho de seus naturaes que a reputam como digna de ser a capital do orbe.

O interior porém não corresponde a tanta riqueza. Os grandes edificios são, na maxima parte, ruinas, bellas é certo, mas sempre ruinas, mostrando adencia de um povo outr'ora poderoso e respeitado.

As casas dos orgulhosos dominadores actuaes, resplendentes de luxo, não podem encobrir toda a desolação que exprimem aquellas pedras tombadas, aquelles porticos despovoados, e aquelles jardins destruidos.

Comtudo ainda resta o que é sufficiente para que possa apreciar-se o grau de aperfeiçoamento a que haviam chegado as artes na India.

Bastará por agora, para provar esta asserção, a mes-

quita de Jumna-Mesjid, cuja fachada a gravura representa fielmente.

Coevo da fundação de Delhi este monumento admiravel, talvez o mais vasto que possui o culto do islam na India, deve a sua existencia ao illustrado Shah-Jehan, edificador da cidade.

A mesquita de Jumna-Mesjid é de fôrma quadrangular; aos angulos erguem-se altissimos minaretes de um estylo elegante, divididos em quatro corpos. A fachada de gosto singelo, sustentada sobre dez formosos arcos, é coroada por uma vistosa cimalha. O portal é todayia a obra mais perfeita de toda esta notavel construcção. As abobadas são rematadas por tres magestosas cupolas, das quaes a do centro é quasi igual ás outras duas em circumferencia. Na frente da fachada principal ha um vastissimo pateo, lageado de boa pedra: no centro vê-se um tanque, talvez destinado ao uso dos fieis.

O conjuncto do edificio é o mais agradavel; constituindo um optimo especimen da architectura moderna dos mongoes.

Custou a mesquita de Jumna-Mesjid, segundo informações authenticas, a somma, enorme para aquelles tempos, de quinhentos e quarenta contos de réis da nossa moeda. Uma triste tradição está ligada á historia d'esta sumptuosa mesquita. Foi diante de Jumna-Mesjid que o cruel Nadir, a que acima nos referimos, veio assentar-se em 1739, para assistir á execução de muitos habitantes de Delhi, cujo crime unico era amarem a sua patria.

C. M. L.  
DE  
O. M. L.

## NAVEGADORES PORTUGUEZES.

## IV.

## PERO DE ALEMQUER.

Como o cedro robusto, que as tempestades acontam por muito tempo, antes que estale e baqueie cortado pelo bulcão ou ferido pelo raio, o infante D. Henrique, erguido sobre o promontório de Sagres, pedestal da sua glória, vira cair successivamente seus irmãos, os filhos de D. João I, mortos desastrosamente: D. Duarte fulminado pela peste em Almeirim, D. Fernando martyrisado em Fez pelos marroquinos, D. Pedro esartejado pelos seus conterrâneos na Alfarrobeira! Quebrado já pelos desgostos e pelas fadigas, velho de corpo e de espirito, ajudou ainda seu sobrinho, D. Affonso V, na conquista de Alcacer-Ceguer, e coroado d'este ultimo louro, repousou emfim no sepulchro. Ao Africano deslumbrou-o o esplendor das victorias na Mauritania, e desdenhou por ellas a civilisadora empreza de buscar o caminho marítimo da India. Estava pois guardada para D. João II a gloria de ver nos seus dias, e por sua diligencia, dobrado o famoso cabo, limite austral da Africa; mas só para o reinado de D. Manuel reservava Deus a ventura de se descobrir essa terra

*Que desejada já de tantos fôra,  
Que entre as correntes indicas se encerra  
E o Ganges, que no céu terreno mora.*

Ao passo que pela barra de Lisboa saíam dous navios, capitaneados por Bartholomeu Dias e Lopo ou João Infante, (1) levando por primeiro piloto a Pero d'Alemquer, com destino de descobrirem e dobrarem a ponta meridional da Africa, partiam por terra Affonso de Paiva de Castello Branco, e João Peres da Covilhã, (2) mandados igualmente por D. João II a explorar os paizes orientaes, indagando se havia caminho pelo mar para a grande India. Affonso de Paiva visitou a Ethiopia e a Abyssinia, mas quando regressava a Portugal morreu no Cairo. João Peres da Covilhã passou ao golpho persico, e embarcando-se para a costa da India, aportou a Cananor, Calcut, Goa e outros pontos do Malabar, d'onde voltou por Sofala e Adem ao Egypto, sendo o primeiro portuguez que navegou nos mares da India e costa oriental d'Africa. Como porém a viagem do Covilhã não foi uma empreza maritima, e o explorador apenas seria passageiro n'essa travessia do oceano indico, abandonando-o-hemos na perigosa commissão, d'onde nunca mais voltou ao reino, para darmos exclusivamente attenção aos navegadores, que buscavam sobre as aguas o caminho da India. O proposito com que encetamos este trabalho, claramente indicado pelo titulo, força-nos da mesma maneira a omitir as laboriosas explorações de muitos outros portuguezes que, por via do Cairo e de Jerusalem, chegaram ao interior da Africa, ás margens da India e até ao remoto imperio chinês, com grande proveito e gloria da nação.

Ignoramos o nome do navio em que se embarcou Bartholomeu Dias, o piloto Pero de Alemquer e o mestre Leitão; *São Pantaleão* se denominava a nau de Lopo Infante, o seu piloto era Alvaro Martins, e mestre um João Grego; cada barco era do porte de cin-

coenta toneis! Uma naveta, ainda menor, os acompanhava, carregada de mantimentos; era seu capitão Pero Dias, irmão de Bartholomeu, piloto João de Santiago, e mestre João Alves. Saíram de Lisboa nos fins de agosto de 1486, e tendo passado o cabo Negro, até aonde chegára Diogo Cão, assentaram um padrão de descoberta no lugar a que deram nome de *Serra parda*, em 28 graus de latitude austral; e logo mais adiante chamaram *Angra das Voltas* a um surgidouro, em frente do qual bordejaram durante cinco dias, contrariados pelo vento. D'ahi correndo sempre ao sul treze singraduras, começaram a sentir muito frio, e procurando a terra ao rumo de leste, julgando que ainda a costa correria norte-sul, não a encontraram, e desandaram para a norte. Então deram vista da *Angra dos Vaqueiros*, já além do cabo, e seguindo pela costa chegaram ao ilheu da *Cruz*, e ao rio do *Infante*; ahi insurreccionou-se a gente das naus, e obrigou os capitães a retrocederem, vindo passar á vista do grande cabo, a que chamaram *das Tormentas*, pelas que n'elle experimentaram, e cujo nome D. João II mudou para *cabo da Boa Esperança*, que ainda hoje conserva. A frota entrou de novo a barra de Lisboa em dezembro de 1487, com 16 mezes e 17 dias de viagem.

As noticias que traziam estes navegantes, assim como as que por escripto communicára a el-rei o ousado Covilhã, resolveram a promptificação de navios mais solidos, para resistirem aos mares do cabo, e irem demandar a desejada India. Bartholomeu Dias foi encarregado de velar pela construcção d'estas novas embarcações, que seriam de 100 a 120 toneis, e diz-se que logo fôra destinado para dirigir a expedição um fidalgo auctorisado, Estevão da Gama, pae do ditoso Vasco da Gama. Morreu porém o nobre velho, e morreu o seu rei, antes que as naus estivessem concluidas, e a D. Manuel coube a gloria de as enviar áquelle descobrimento, escolhendo para capitão-mór o filho de Estevão da Gama. Dos conhecimentos marítimos de Vasco, e suas navegações anteriores, não encontramos noticia alguma nos historiadores: apenas dizem que era mancebo de vinte e sete annos, forte para resistir aos trabalhos, valente e leal; alguns mesmo asseveram que o escolhido para esta empreza fôra Paulo da Gama, o qual resignára o mando em seu irmão mais novo, offerecendo-se comtudo para o acompanhar como segundo da expedição. Para primeiro piloto da frota escolheu-se o mesmo que dez annos antes dobrára o cabo das Tormentas, o intelligente Pero d'Alemquer, o qual n'esse intervallo não estivera ocioso em Lisboa, pois nos consta que em 1490 fôra ao Congo, em uma esquadra que levava embaixador e missionarios para aquelle paiz, e provavelmente faria outras viagens, de que não ha noticia nas chronicas.

Os ultimos annos do reinado de D. João não foram estereis para a gloria maritima de Portugal; se os não illuminou o brilhantismo das descobertas depois de 1486, nem por isso deixaram de contemplar trinta navios, commandados por D. Diogo d'Almeida, dando caça aos piratas na costa da Barbaria (1487) cincoenta embarcações, ás ordens de D. Fernando de Menezes, expugnando Targa e Camice (1490), e outras expedições a Guiné e ao Congo, como a de que acima fallamos. Ainda nos dias d'este sabio monarcha se assignou o tratado de Tordesilhas entre os reis de Portugal e de Hespanha; que adoptando por arbitro o papa na contenda dos descobrimentos de ambas as nações, ficaram satisfeitos com a resolução pontificia: Alexandre VI cortou a larga:

1 Com cada um d'estes nomes se acha designado em chronistas differentes.

2 Pedro da Covilhã lhe chamam alguns escriptores.

*Uma linha traçando ao céu profundo,  
Por Fernando e João reparte o mundo! (1)*

Diz-se que, alludindo a esta demarcação, Francisco I de França perguntava pelo testamento de Adão, que dividira o mundo por seus dous irmãos de Hespanha e de Portugal, excluindo-o da herança.

Voltando porém ao nosso proposito, contemplemos a saída da frota destinada ao descobrimento da India, que larga de Restello, acompanhada das lagrimas e bençãos de todos os portuguezes, posto que a empreza em si fosse geralmente reprovada. Na nau *S. Gabriel* vac o capitão-mór, com o piloto Pero de Alemquer; (2) na *S. Raphael*, Paulo da Gama e João de Coimbra; na *Bérrio* (nome de quem a vendeu ao rei) embarca Nicolau Coelho, e Pedro de Escobar. Se os tres capitães são esforçados, os tres pilotos são dextros no seu mister. Segue as naus uma barca com mantimentos, e poucos marinheiros, encarregada a um creado do capitão-mór, de nome Gonçalo Nunes. Em um sabbado, 8 de julho de 1497, deixam o Tejo todas estas embarcações, destinadas a realisar uma das maiores emprezas que homens hajam tentado:

*Ellas promettem, vendo os mares largos,  
De ser no Olympo estrellas como a de Argos.*

Até além de Cabo Verde acompanhou a armada um outro navio, em que ia Bartholomeu Dias para S. Jorge da Mina, d'onde alguns escriptores tiraram a errada conclusão de que este navegador fôra metter a caminho aquellas naus, sem se lembrarem ao menos que o piloto da expedição era o mesmo Pero d'Alemquer, que já dobrára o cabo. Quintella, nos *Annaes da marinha*, chama a Bartholomeu Dias *abalizado navegador*! Quem lh'o disse, aonde achou as provas do que assevera? João de Barros apenas diz a tal respeito, na *Primeira decada*: «E assim pelo trabalho que Bartholomeu Dias levou no aperecebimento d'estes navios, como para ir acompanhando Vasco da Gama, té o por na paragem que lhe era necessario á sua derrota, el-rei lhe deu a capitania de um dos navios que ordinariamente iam á cidade de S. Jorge da Mina.» Porém Damião de Góes, auctor contemporaneo e homem de vasto saber, explica-se assim, na *Chronica de D. Manuel*, tratandô da partida de Vasco da Gama: «O piloto d'esta armada se chamava Pero d'Alemquer, homem mui experto nas cousas do mar, e por cuja industria Lopo Infante e Bartholomeu Dias chegaram até o rio do Infante.» Ainda que não tivessemos este valioso testemunho, o simples bom senso estava mostrando que era o piloto e não o capitão que dirigia as naus na carreira dos descobrimentos; assim, perdõem-nos os illustres descendentes dos Gamas, Dias e Infantes, o nosso heroe do cabo das Tormentas e da descoberta da India é Pero d'Alemquer. Já que a ingratidão de tantos chronistas lhe tem escurecido a gloria, receba ao menos esta tardia homenagem de um escriptor obscuro, que, felizmente, pode escurar-se em parte com a grande auctoridade de Damião de Góes.

Toda a armada de Vasco da Gama levava apenas 160 ou 170 homens, entre officiaes, marinheiros, soldados e degradados. Ao cabo de cinco mezes de navegação, no dia 4 de novembro, descobriram a *Angra de Santa Helena*; a 22 dobraram o cabo da Boa

Esperança (1), e a 25 chegaram á *Aguada de São Braz*. A 25 de dezembro descobriram a costa de *Natal*; a 10 de janeiro de 1498 deram vista do rio dos *Reis*; e a 25 puzeram o nome dos *Bons signaes* a um grande rio que encontraram. No 1.º de março ancoraram em *Moçambique*, deixando já muito atraz de si o limite das ultimas descobertas. Partindo d'ahi a 13, e não podendo tomar *Quiloa*, aportaram a *Mombaca* no dia 7 de abril, a *Melinde* no dia 15, e tendo alcançado um piloto da India n'esta cidade, surgiram finalmente á vista de *Calecut*, termo de sua ousada peregrinação! Estava descoberto o Oriente!

O que se passou em Calecut durante tres mezes que ali permaneceu a frota, procura el-o em Fernão Lopes de Castanhada, herdeiro da chronica de Alvaro Velho, que foi testemunha ocular dos successos, como marinheiro da expedição que era: a nós só cabe a tarefa de seguir os nautas a Portugal, em cuja torna-viagem ainda descobriram a ilha de *Anchediva* e os ilheus de *Santa Maria*, e desdobraram o cabo da Boa Esperança a 20 de março de 1499. Apenas 55 d'aquelles ousados navegantes chegaram a Lisboa com vida; a nau dos mantimentos tinha sido queimada por inutil, e a *S. Raphael* desfez-se em um baixo na volta. Paulo da Gama, que passara para a *S. Gabriel*, ficou enterrado na ilha Terceira; a nau *Bérrio*, que se desgarrou d'aquella na altura de Cabo Verde, trouxe ao Tejo a nova do descobrimento da India, no dia 10 de julho; e só a 29 d'esse mez (outros dizem que do seguinte) chegou Vasco da Gama.

E Pero d'Alemquer? Não sabemos se voltou a Lisboa, ou se foi das victimas, tão numerosas, d'esta viagem gloriosa e fatal! Inclinâmo-nos á segunda hypothese, por não encontrarmos o seu nome associado á expedição de Pedr'Alvares Cabral, que logo no seguinte anno partiu de Lisboa com destino á India, e descobriu o Brazil. Qual foi pois a sorte do Paliuro portuguez? Teve sepultura na patria, n'alguma longinqua praia, ou entre as vagas do Oceano?... Só Deus o sabe!

A nós cumpre respeitar-lhe a memoria; foi elle que plantou o segundo marco milliaro da historia naval, não só nossa, mas de toda a Europa: como Gil Eannes, desfez o encantamento de um promontorio, guardado pelo medo de muitas gerações, lançando-se em novos mares, que a credulidade do vulgo assombrava de mysteriosos perigos.

Que restava a fazer para complemento da nossa gloria naval? Explorar o continente do novo mundo occidental? Vencer as correntes dos estreitos de Sunda e de Malaca? Devassar os mares aparcellados da China e do Japão? Achar o caminho da Asia rodeando a America? Tudo isso executaram os navegadores portuguezes; e os padrões indeleveis de suas maravilhosas emprezas sobreviverão aos esforços da inveja, porque são immortaes como elles.

F. M. BORDALO.

#### A QUESTÃO DO ORIENTE.

Hoje ninguém ignora que a questão do Oriente não é só uma querella relativa a assumptos religiosos, nem simplesmente uma contenda de influencias politicas. Actualmente já todos sabem que essa questão

(1) Durão, no poema *O Caramuru*.

(2) O mestre d'esta nau chamava-se Gonçalo Alvares. Das outras ignora-se o nome dos mestres.

(1) Manuscrito de Alvaro Velho, publicado pelo sr. Diogo Kopke em 1838. Castanheda, Góes e Barros dizem que fôra passado no dia 20.

é nada menos do que a da existencia do imperio ottomano, e por conseguinte a da futura sujeição da Europa á vontade despotica de um grande conquistador, e ao poder destructivo de uma nova civilização, mui differente da nossa, e que a muitos respeitoz podemos chamar barbara.

Essa grande questão pois que ora se debate ao estridor das armas no solo da Criméa, nas cercanias de Sebastopol, e que não será, talvez, resolvida sem que todas ou quasi todas as nações europeas vão empenhar-se n'essa lucta de verdadeira independencia e liberdade para os povos da Europá culta; essa grande questão, dizemos, vem de longa data. Creou-a Pedro I, e desde então os seus successores não têm deixado de a alimentar, e de lhe dar cada vez maior impulso, fazendo-se surgir-a todo o momento sob diversos aspectos, e com pretextos varios, segundo as circumstancias o permittem.

Os pretextos têm sido algumas vezes dispostos d'antemão pelo gabinete de S. Petersburgo. Mas outras vezes, e não poucas, lhe têm sido fornecidos pelos erros politicos das duas grandes nações occidentaes. Porém ou preparados ou aproveitados pela politica russiana todas as querellas a que elles servem de fundamento tendem ao mesmo fim. Atravez de todas as roupagens e louçainhas, com que os czars as costumam cobrir e ataviar para illudir e deslumbrar os olhos da diplomacia europea, avulta sempre o mesmo pensamento, a conquista da Turquia como fim, a divisão intestina, a humilhação do soberano, o enfraquecimento, e a desmembração gradual do imperio como meios. Pretendendo o dominio exclusivo do mar Negro, ou exigindo o protectorado das provincias danubianas, ou querendo arrogar a si uma supremacia religiosa sobre avultado numero de subditos da Porta, ou ordenando finalmente ás aguias moscovitas, que transponham as fronteiras, e assolem o territorio ottomano, a Russia caminha sempre ao mesmo alvo. As estradas são diversas, mas o rumo é igual, todas conduzem á desejada posse de Constantinopla, d'essa cidade que tem servido de capital a duas grandes nações, e que a natureza fadou para sobreviver á destruição dos imperios, de que fôra sede; e para dar nova vida, e imprimir mais vigoroso impulso aos povos que tiverem a fortuna de collocar n'ella o centro da sua força e acção.

No esboço historico sobre os *imperios bysantino e ottomano*, publicado no anterior volume d'este jornal, ter-se-ha visto a origem e desenvolvimento dos planos ambiciosos da Russia sobre a Turquia. Ainda que em quadro resumido ahi ficaram desenhadas as feições caracteristicas da politica russiana, assignalados os seus meios de acção, e contornadas as varias formas com que tem pretendido occultar a sua ambição, e coonestar o abuso da sua força. Resta pois, para completar o quadro, deliniar as ultimas phases da grande questão da existencia do imperio ottomano, phases a que o governo russo deu as cores de questão religiosa, e que a diplomacia appellidou *questão do Oriente*.

Para encadear os acontecimentos e fazer comprehender melhor o começo e progressos d'esse grave conflicto, que já está custando á Europa immensos sacrificios de sangue e de ouro, será conveniente passar em revista, ainda que abreviada, o reinado do actual sultão.

# I.

Abdul-Medjid subiu ao throno n'uma epocha tão cheia de difficuldades como de perigos, em circum-

stancias que constituíam uma crise temerosa para a Turquia. Foi no momento em que a sorte das armas, declarando-se em favor dos egypcios, aniquilára completamente o exercito ottomano junto a Nézib, deixando ao invasor livre o passo, e quasi indefezos o paiz; no momento em que os implacaveis adversarios das reformas, desassombrados do braço que os continha em respeito, se dispunham para derrubar pelos alicerces a obra civilisadora de Mahmoud II; foi finalmente n'este momento tão crítico para o imperio, que Abdul-Medjid cingiu o alfange d'Osman (1.º de julho de 1839).

O thesouro publico exaustos pelas despezas da guerra; o exercito desmoralizado e em desorganização pelos triumphos do inimigo; no divan alguns homens vendidos ao ouro russo, e outros, movidos pelo espirito de partido, prestando-se como instrumentos activos a influencias estranhas, tão oppostas entre si como nocivas ao bem publico; o governo sempre embaraçado em todas as suas acções, ora pelos conselhos interesseiros, ora pelas exigencias injustas da Russia, da França, da Gran-Bretanha, da Austria e da Prussia, segundo cada uma assumia um caracter amigo ou hostil; a nação possuida de desgosto pelo passado, de descontentamento pelo presente, e de desconfiança para com o futuro, tal era o quadro que a Turquia então apresentava.

Um successo, que a todos surpreendeu, veio augmentar ainda o apuro das circumstancias. O almirante turco (Capoudan-pachá) ao receber a noticia do fallecimento de Mahmoud II, acreditando ou fingindo crer, que a morte do seu soberano fôra obra dos inimigos do alcorão, entregou-se com a esquadra do seu commando ao vice-rei do Egypto. No dia 14 de julho a esquadra ottomana lançou ferro no porto de Alexandria, e Mehemet-Ali declarou n'esse mesmo momento aos consules estrangeiros, que a não restituiria sem que primeiro lhe fosse reconhecida a hereditariedade dos paizes que governava, e que o grão-vizir fosse desterrado.

Causou este acontecimento uma grande impressão, como bem é de suppor, nos gabinetes das potencias europeas. A victoria de Nézib dobrava de alcance com a traição do almirante musulmano. Ao passo que crescia o poder do vice-rei, e que se exaltava a sua ambição, e que se duplicavam as difficuldades para o ajuste da paz, o imperio ottomano ficava humilhado e enfraquecido de um modo, que não podia deixar de excitar graves apprehensões a quem pensasse seriamente no futuro equilibrio europeu. Todavia aquella impressão obrou de diversa maneira nos gabinetes das nações *protectoras*, e produziu mui differentes effectos.

Posto que só a Russia lucrasse realmente com esses graves successos, que acabavam de pôr a Turquia á mercê da diplomacia europea, não faltou mais quem quizesse especular com elles em seu proveito particular. As grandes potencias resolveram interpor a sua mediação entre as duas partes belligerantes, e abriram conferencias para as trazer a um accordo pacifico. Apesar de que esta intervenção tinha por fim, não só obstar ao proseguimento da guerra, mas tambem e principalmente impedir que o vencedor colhesse das suas victorias os fructos a que aspirava. a Russia, a quem não convinha que a Turquia se desmembrasse em favor de um homem nas circumstancias e da tempera de Mehemet-Ali, verdadeiro fundador do imperio, que parecia destinado a fazer renascer para a raça musulmana dias de gloria e de poder, e por outro lado contentando-se com as conse-

quencias naturaes dos desastres e humilhações da Porta ottomana, concorreu ás conferencias e ahí prestou o seu apoio, conjuntamente com a Inglaterra, Austria e Prussia, á causa do sultão. Mas a França, a quem d'esta vez coube em sorte morrer d'amores pelo Egypto, sacrificando, como na mesma questão o fizera a Gran-Bretanha alguns annos antes, interesses futuros, geraes para quasi toda a Europa, porém da mais alta importancia para a causa da civilisação, e para a da liberdade de todos os povos, e mesmo da maior transcendencia para as potencias, que disputam a suprema influencia nos negocios do mundo, sacrificando-os a vantagens particulares, mesquinhas e ephemeras na presença d'aquelles interesses; a França, guiada por uma politica tão egoista quanto errada, só ali appareceu para lançar obstaculos a todo o accôrdo.

D'est'arte se protrahiram as negociações sem resultado algum, até que, reconhecida a obstinação com que o gabinete das Tulherias patrocina o vice-rei do Egypto, as outras partes contratantes resolveram celebrar, com exclusão da França, o tratado de 15 de julho de 1840.

Em virtude d'este acto foi intimado Mehemet-Ali para restituir ao sultão a sua esquadra, e os seus direitos de suzerania sobre o Egypto, cuja hereditariade era concedida ao vice-rei, conservando este o governo da Syria sómente durante a sua vida, depois do que voltaria esta provincia ao dominio ottomano.

Julgando-se forte com o apoio do governo francez recusou o vice-rei sujeitar-se ás condições impostas por aquelle tratado. Preparou-se pois para a resistencia, e sustentou a lucta por algum tempo; mas a final, vencido pelas forças alliadas, teve de subscrever a todas as condições, e d'esta vez foi-lhe negado o proprio governo vitalicio da Syria.

A França presenciou, mau grado seu, todo o curso d'esta breve lucta sem que ousasse envolver-se n'ella, e só no seguinte anno é que saiu do isolamento a que a condemnára a politica de um ministro imprudente, assignando com as outras cinco potencias o tratado de 13 de julho de 1841, que consolidou a paz, e que regulou as relações entre o Egypto e a Turquia.

## II.

O imperio ottomano estava salvo da crise apertada em que o deixára a morte de Mahmoud II, e salvo pelo proprio embate dos interesses oppostos, que então se agitaram. Mas começavam a ameaçal-o novos perigos, e estava principiada para o sultão uma epocha de duras provas.

Abdul-Medjid tinha apenas dezeseis annos, quando foi chamado á successão do throno musulmano. Não era possivel que em tão curta idade pudesse por si proprio apreciar a magnitude e alcance dos acontecimentos, que se estavam passando no seu imperio, e menos ainda dirigir a politica em circumstancias tão criticas e difficeis. Por isso seu pae o exhortou nos derradeiros momentos da vida a seguir os conselhos dos homens que o tinham ajudado na sua obra civilisadora.

O joven soberano obedecendo ás prescripções paternas, cercou-se de todos os leaes conselheiros de seu pae, e um dos primeiros actos do seu governo foi o *hatti-scherif de Gulhané*, especie de constituição que, se bem que rica de promessas e pobre de disposições legislativas, serviu comtudo de confirmar as reformas de Mahmoud II, e de reconhecer alguns direitos do povo, até então menosprezados e desattendidos.

Este documento, que honra sobremaneira os ministros, que o offereceram á sancção do soberano (1), foi promulgado em 3 de novembro de 1839. A sua publicação teve logar na presença do sultão, e de todos os altos funcionarios do estado, na do corpo diplomatico e na de muitas deputações de diversas classes e cathogorias da sociedade. O governo deu a esta cerimonia por meio de extraordinario apparato a maior solemnidade possivel. E assim que uma salva imperial de todas as fortalezas e embarcações de guerra annunciou aos habitantes de Constantinopla o fim da leitura do *hatti-scherif*, passou o sultão á sala onde se guardam as reliquias do propheta, e ahí fez prestar, por todos os funcionarios presentes, juramento de fidelidade áquellas soberanas resoluções, e promessa de cumprirem e fazerem cumprir todas as leis organicas, que em complemento d'essas resoluções se fã promulgar.

Este acto politico, suggerido sem duvida ao governo pelo desejo de patentear ao paiz a sua firme tenção de progredir no systema de reformas encetado pelo defunto sultão, julgando assim tirar ao partido retrogrado, que conspirava abertamente, todas as esperanças de uma reacção, produziu o effeito contrario ao que se pretendia obter. Os adversarios das reformas, vendo nas promessas consignadas n'aquelle documento uma quasi transformação social para a Turquia, e acreditando pouco na firmeza de caracter de um soberano apenas saído da adolescencia, redobram de esforços para combater e desacreditar todas as medidas governativas.

Estava pois travada no paiz e nas proprias regiões do poder, por quanto o partido fanatico achava-se representado em todas as classes, condições, e jerarchias, uma lucta surda, mas encarnicada, sem um centro de acção, porém bastante forte para lançar continuados tropeços diante da marcha governativa.

Esse centro d'acção, que faltava aos conspiradores, não tardou a apparecer. A Russia, que conta entre os mais poderosos auxiliares da sua ambição o fanatismo musulmano, correu a dirigir e dar apoio a essa lucta por todos os meios de que podia dispôr, directos e indirectos. Em quanto o seu embaixador, caminhando de exigencia em exigencia, trazia sempre levantadas ante o governo ottomano novas difficuldades, os seus conselhos e o seu ouro davam de dia para dia maior vulto á opposição nacional.

Entretanto este procedimento da Russia era coherente com os seus interesses, e com a sua politica tradicional. Obrava como tem obrado todos os imperios, que se vêem assim engrandecidos, e assim avizinados com potencias decadentes no meio de um solo rico, e de uma posição geographica invejavel. Procedia finalmente como procederia outra qualquer nação nas mesmas circumstancias, como a Inglaterra procedê na India, apesar dos seus anathemas contra a ambiciosa politica dos czares, e como procede, em grande parte, a propria França nas terras d'Africa.

Porém o que não se pode qualificar é o comportamento das outras potencias, que se dizem protectoras da Turquia, e especialmente o da Gran-Bretanha e da França. Em vez de procurarem dar força a um governo, que se esforçava para dar mais solidas condições de existencia a uma nação, que se definha entre a influencia malefica dos abusos, defeitos e vicios de uma organização decrepita, e entre a acção para-

(1) Era então ministro dos negocios estrangeiros Reschid pachá, a quem se attribuo a principal parte d'este acto governativo.

lysadora de preceitos religiosos, que se oppõem ou difficultam todos os melhoramentos sociaes, que a civilisação cria, e nos quaes a Providencia faz constituir a verdadeira vida das nações; em vez de ajudarem essas intelligencias illustradas que tratavam de assentar em bases novas e mais vigorosas o caduco edificio do imperio ottomano, que se abalava e alluía aos continuos impulsos da cubica moscovita; ambas teciam em torno do sultão e de seus ministros longa e emaranhada tã de enredos e de intrigas. Não cuidavam os embaixadores da França e da Grã-Bretanha em auxiliar os manejos do representante do czar. Deslembrados dos perigos futuros, e dos imensos interesses europeus, que assim compromet-tiam, cuidavam de favorecer interesses do momento. Buscavam mais uma vantagem para o seu commercio, mais uma regalia para o seu pavilhão, mais uma preeminencia para o seu soberano, mais um grau do que os outros na confiança e no valimento do sultão. Não pensavam no auxilio que davam, indirecto mas poderoso, aos planos traçados em S. Petersburgo, e as pretensões capciosas do embaixador russo em Constantinopla. Tratavam só de se aproveitarem do favoravel ensejo que offereciam os verdes annos do chefe do estado, o abatimento do imperio e a divisão da nação, para se obterem concessões, e fazer-se triumphar uma influencia.

O ministerio turco quasi que não tinha liberdade de obrar. Os representantes das potencias *protectoras* não cessavam de lhe dar conselhos, de lhe dirigir queixas, e de lhe fazer exigencias, que se cifrava tudo em verdadeiras pês á acção governativa. E não se contentando de exercer uma intervenção directa nos negocios publicos, recorriam amiudadas vezes a meios menos licitos para conseguirem a exoneração ou a nomeação de um ministro, de um governador de provincia, ou de outro qualquer funcionario.

Foi então que a Inglaterra se lembrou de ter um bispo em Jerusalem. Nos principios do anno de 1842 enviou o governo inglez para a cidade santa um prelado da igreja anglicana. Falto de rebanho para pastorear começou o bispo a fazer prégãos em pleno ar, pois não tinha templo, a ver se assim attrahia ovelhas para o pastor. Os turcos não fizeram caso dos sermões, nem se importaram com o prégador, mas os christãos dos diversos ritos, não podendo soffrer taes exhortações, apuparam e perseguiram o prelado.

Pouco tempo depois exigia o embaixador britânico da porta ottomana uma satisfação pelo insulto, e o reconhecimento do bispo. A primeira obteve-a com facilidade, porém ao segundo recusou-se formalmente o divan por muitos motivos poderosos, que expendeu em uma extensa nota.

Esta questão ia dando logar a um rompimento entre os dois governos, porém o gabinete de Londres desistiu do intento, e não valeu pouco á Turquia, para salvar a sua dignidade e os seus direitos de nação livre, achar-se n'essa occasião em negociações pendentes sobre um tratado commercial com a Inglaterra.

Por este mesmo tempo veio um outro facto pôr ainda mais em relevo as vexações que as potencias protectoras infligiam ao gabinete ottomano.

O vice-rei do Egypto, logo que as armas alliadas o despojaram da Syria, principiou por meio dos seus agentes e do seu ouro a excitar os animos n'aquella provincia contra o dominio do sultão. As suas tramas não tardaram a surtir effeito. Rebentaram no Libano graves desordens entre os drusos e os maro-

nitás: e o governo turco enviou immediatamente para as conter algumas tropas sob o commando d'Omer pachá. Como este distincto general tivesse a fortuna de restabelecer a ordem e o socego sem muita difficultade, a Porta ottomana, que tinha plena confiança na sua energia, como na sua tolerancia e moderação, encarregou-o do governo do Libano.

Apenas esta nomeação foi conhecida pelos embaixadores das cinco grandes potencias, dirigiram estes ao divan uma nota collectiva em que reclamavam, em conformidade com os tratados, a exoneração d'Omer pachá, e a nomeação de governadores indigenas. O divan, apesar de toda a sua repugnancia, e depois de ter exposto debalde os inconvenientes de uma tal medida n'aquellas circumstancias, viu-se obrigado a ceder.

Os ministros d'Abdul, manietados e aviltados pela tutela estrangeira, que os constrangia até a dar explicações das medidas mais insignificantes; impotentes para imprimir impulso energico ao seu systema de reformas; guerreados pelos inimigos figadaes das innovações, que cresciam em numero e audacia á maneira que o poder se debilitava no meio d'essa contínua lucta de contrariedades de que saía quasi sempre vencido; desconceituados no paiz, onde a sua acção benefica era nulla; sem prestigio até entre os seus proprios correligionarios politicos, que não sabiam ou não podiam avaliar as difficuldades da situação, sucumbiram finalmente ás intrigas da corte e da diplomacia.

Em março d'esse mesmo anno (1842) chamou o sultão novos ministros para os seus conselhos, e logo em seguida appareceu a publico um *memorandum* do governo, especie de programma ministerial, em que se condemnavam as reformas, attribuindo-se-lhes todos os males publicos, e em que se promettia á nação o restabelecimento de suas antigas leis, praticas e usos.

Acabava pois de triumphar o partido reaccionario. A França e a Inglaterra tinham ajudado a aplanar-lhe o caminho para o poder. Porém as festas do triumpho foram celebradas em S. Petersburgo, por quanto a influencia russiana vencera tambem as suas rivaes em Constantinopla, e ahi dominava desassombradamente.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### PRAZ-ME—E DESPAZ-ME.

Apraz-me a lymphá,  
Que mansinha corre,  
Que nasce, vive,  
Suspirando morre.

Despraz-me vel-a  
Catadupa ingente,  
Que abysmo occulta  
No cachão fervente.

Apraz-me a briza,  
Que afinada gira,  
Por entre as cordas  
De dourada lyra.

Despraz-me o noto,  
Que rebrama irroso,

Cevando furias  
No carvalho annoso.

Apraz-me vel-o,  
P'lo cair da tarde,  
Distante o astro,  
Que mergulha, e arde.

Despraz-me viva,  
Dardejante luz,  
Que a vista chama,  
Que a morrer conduz.

Apraz-me o aroma,  
Que da flor vem vindo,  
Por leve aragem,  
Que m'o traz sorrindo.

Despraz-me a essencia,  
Que vivaz recende,  
Que m'embriaga,  
Meu sentido offende.

Apraz-me a rosa,  
Pompeando cores.  
Rainha bella,  
No paiz das flores.

Despraz-me a rosa,  
Se de perto vejo,  
Que espinhos formam  
Seu real cortejo.

Apraz-me a noute,  
Manto azul-escuro,  
Se lh'o matiza  
Planetar fulguro.

Despraz-me vel-a,  
Denso negregume,  
Luzindo, a instantes,  
De sinistro lume.

Apraz-me ouvil-o,  
Quando, n'alta sêsta,  
Descanta amores  
O rei da floresta.

Despraz-me o canto  
De nocturnas aves,  
A esvoaçarem  
Sob antigas naves.

Apraz-me o riso  
D'um singelo rosto,  
Que isento brilha  
De cruel desgosto.

Despraz-me vel-o,  
Quando nuvem densa,  
De crua magua,  
N'elle está suspensa.

Sensível peito,  
Na gentil donzella,  
É dóte d'anjo,  
Que me praz ver n'ella.

Em debil seio,  
Varonil acção.

É maravilha,  
Que me não praz — não.

Ternura, afago,  
Maternal disvello,  
Que cêgo, louco...  
Sempre me praz vel-o.

Um pae severo,  
No rigor, castigo,  
Embora justo,  
Que me praz, não digo.

Ao desvalido,  
Vel-a curva — a lei,  
Oh! sim, apraz-me  
Por que não direi?

Despraz-me vel-a,  
S'—enroscada cobra,  
D'alto patrono,  
A capricho dobra...

Oh! sim — bem-vindos  
A meu peito são,  
Suave abalo,  
Branda commoção.

Mafrá — Dezembro de 1854.

J. DA C. CASCAES.

#### AS FESTAS DO S. JOÃO EM FRANÇA.

Na Bretanha, desde a vespera de S. João, uma immensidade de rapazes e raparigas esfarrapados, começa a pedir esmola de porta em porta, com um prato na mão: são os pobres, cujos paes, não podendo economisar em todo o anno a quantia necessaria para comprar um feixe de lenha, mandam seus filhos mendigar, para terem com que accender a fogueira em honra de S. João. À noute, vê-se sobre um rochedo elevado, ou no cume d'algum monte, uma fogueira, que apparece de repente; d'ali a pouco outra, depois um cento, mil fogueiras! Em toda a parte a terra parece reflectir o céu, e ter outras tantas estrellas: ouve-se ao longe um murmurinho confuso e alegre, misturado de sons metallicos e vibrações harmonicas, que obtem os rapazes tocando com o dedo n'um junco prezo aos dous lados de uma bacia de cobre cheia d'agua e bocados de ferro; no entretanto os buzios dos pastores, retinem de valle em valle; ouvem-se as vozes dos camponeses, cantando lóas ao pé das cruces que plantam em pequenas elevações; as raparigas, vestidas com o melhor fado, correm a dançar em torno das fogueiras de S. João; pois dizem-lhes que aquellas que dançarem á roda de nove, casar-se-hão n'aquelle mesmo anno. Os camponeses conduzem os seus rebanhos para os fazer saltar por cima da fogueira, na certeza de assim os preservarem de toda e qualquer enfermidade.

Em muitas freguezias é o mesmo cura que vem em procissão, de cruz alçada, accender a fogueira no meio da villa: em Saint-Jean-du-Doigt (Finisterra) é um anjo, que por meio de certo mechanismo mui simples, desce com um archote na mão, de cima da torre, accende a fogueira, e depois vóa, desaparecendo pela mesma torre acima.

Os bretões guardam com muita devoção um car-

vão da fogueira de S. João: este carvão, posto ao pé da cama entre um ramo de bucho bento no Domingo de Ramos, e um bocado de bolo que se dá em Dia de Reis, preserva-os, crêem elles, dos trovões. Além d'isto disputam entre si com muito ardor, a corôa de flores que está por cima da fogueira de S. João: estas flores, quando estão seccas, são talismans contra todos os males do corpo, e mortificações do espirito; algumas raparigas trazem-nas ao pescoço penduradas n'um fio de lã encarnada, que tem a virtude, a seu ver, de curar as dores nervosas.

O S. João, em Brest, é festejado de um modo mais particular ainda que no resto da Bretanha. No fim da tarde, tres a quatro mil pessoas correm ás explanadas; rapazes, operarios, marinheiros, todos trazem na mão um archote acceso, ao qual imprimem rapido movimento de rotação. No meio das trevas da noite descobrem-se milhares de luzes agitadas por mãos invisiveis, que correm e saltam ao mesmo tempo, andam em roda, scintillam, e descrevem mil arabescos de fogo: ás vezes atirados pelo ar ao mesmo tempo centos d'estes archotes, por braços vigorosos, espalham, ao caírem, innumeraveis faíscas, simi-

lhando nuvens de estrellas. Imensos espectadores, attrahidos pela originalidade do divertimento, circulam contentes debaixo d'aquella atmosphera de fogo. Dura isto até ao fechar das portas. Ao toque de recolher todos regressam á cidade. Então levanta-se a ponte levadiça, e as sentinellas começam com o seu quem vem lá, em quanto nas estradas de Saint Marc, Morlaix, e de Kerinou se vêem de contínuo correr archotes accesos, e apagam-se successivamente, como os pyrilampos.

No Poitou, para celebrar o S. João, guarnece-se de palha uma roda de carro, accende-se na circumferencia com um cirio bento, e depois passeia-se a mesma roda inflammada pelos campos, os quaes ella fertilisa, segundo a crença d'aquella gente.

Aqui são evidentes os vestigios do druidismo. A roda a arder, é uma imagem grosseira, mas sensivel, do disco do sol, cuja passagem fecunda as terras. Nas margens do Loire, os barqueiros que festejam o S. João tambem accendem fogueiras em que fazem uma caldeirada. Em Allemanha, outros semelhantes usos comprovam a connexão que existe entre as fogueiras de S. João e o antigo culto do sol.



PINTURA ANTIGA.

As artes plasticas chegaram entre os antigos a um estado de aperfeiçoamento admiravel.

Não ha museu na Europa, por insignificante que seja, que não possua alguma prova do que avançamos. O museu de Berlim é porém um dos mais ricos em monumentos d'esta especie.

O quadro que a estampa representa encontra-se em um dos vasos, que enriquecem aquelle museu, e justificam a sua preeminencia.

Io, sentada sobre o altar de Hera-Ilithya, junto da estatua d'esta divindade, de quem era sacerdotiza, segura em uma das mãos uma especie de grinalda, e em outra um cofresinho, que Jupiter acaba de entregar-lhe. Aphrodita-Pitho, deusa da persuasão e do amor, segue os passos do soberano dos deuses, conduzindo sobre o dedo a ave fatidica, o lynx.

No plano superior vê-se Eros, jogando o arco, e Pan, empunhando um ramo de arvore.

Por detraz de Io observa-se um formoso mancebo. Argos talvez, pousando a dextra em pezada maça, e segurando na esquerda uma taboa diptyca.

A sexta figura parece representar Juno. Diante de Argos vê-se um pequeno corço.

Será difficil encontrar nos mais perfeitos productos da arte moderna uma scena mythologica, em que as figuras se achem tão bem collocadas, e em que a composição e o desenho sejam de uma correção tão irreprehensivel.

Os excessos dos despotas são castigados pelos povos; os excessos dos povos são castigados pelos despotas.

— Os thronos são cobertos de veludo e ouro; mas são estofados de pungentes espinhos.